

# Brasil e China fecham acordos, sem adesão formal à nova rota da seda



Na visita de Estado de Xi Jinping a Lula no Palácio da Alvorada, foram estreitados laços entre as nações

## Relações internacionais

**Governo brasileiro** admite participação em iniciativa global chinesa, mas **quis evitar ingresso pleno** por entender que isso poderia levar à perda de autonomia geopolítica. **Parcerias envolvem investimentos** em várias áreas, como infraestrutura, indústria e agricultura

Os presidentes do Brasil, Luiz Inácio Lula da Silva, e da China, Xi Jinping, assinaram ontem conjunto de 37 acordos bilaterais em diversas áreas, como agricultura, indústria, investimentos e infraestrutura. Entre eles, está uma parceria conjunta de investimentos criada sob medida para evitar os desgastes geopolíticos que uma adesão plena à Iniciativa Cinturão e Rota (conhecida como a nova rota da seda) poderia trazer ao país, informa o jornal O Estado de S. Paulo. Na prática, isso quer dizer que as duas nações desenvolverão projetos e investimentos conjuntos. Do lado chinês, a parceria contará com a exe-

cução, no Brasil, de alguns projetos presentes na rota da seda. Já do lado brasileiro, estão previstas parcerias com o plano Nova Indústria Brasil (NIB), o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), o Programa Rotas da Integração Sul-Americana e o Plano de Transformação Ecológica.

Para que os investimentos avancem, serão criadas duas forças-tarefas para selecionar quais serão os projetos conjuntos prioritários. O prazo de trabalho dos grupos é dois meses. - Queremos adensar a cadeia de valor em nosso território, além de ampliar e diversificar a pauta com nosso maior parceiro comercial - afirmou Lula, em declaração à imprensa, no Palácio da Alvorada.

- Chegamos a novos consensos estratégicos sobre o futuro do desenvolvimento das relações China-Brasil - declarou Xi Jinping.

Ele relatou que os países estão determinados a "identificar, responder e aproveitar as mudanças" na configuração global e classificou a parceria para aproximar os planos como o resultado mais importante da visita de Estado ao Brasil.

Embora tenha recusado aderir plenamente agora, o governo Lula admitiu participar de

projetos selecionados na nova rota da seda. Criada em 2013, a iniciativa global foca principalmente em infraestrutura, mas acaba por ampliar a presença e a influência política e econômica da China.

## "Sinergias"

O governo brasileiro adotou o argumento da busca de "sinergias" para sair do impasse, o que implica na prática a uma alternativa à adesão plena no megaprojeto trilionário de Xi Jinping que já envolve 151 países. A administração Lula não quis fazer agora o ingresso pleno na nova rota da seda por entender que poderia levar à perda de autonomia geopolítica, com cobranças de fidelidade, e que já existem outros mecanismos bilaterais criados para permitir investimentos conjuntos.

Prevaleceu a tese de que o Brasil aderir seria um gesto político muito forte pró-China e poderia colocar em risco seu não-alinhamento, quando o mundo se prepara para mais tensões na disputa global por liderança entre a China e os Estados Unidos. O governo Lula estava sob pressão, sobretudo, dos EUA, que enviou recados claros anti-China, dados por altos funcionários de Washington enviados ao país. —

## Recado para Musk?

O governo brasileiro assinou acordo com a SpaceSail, empresa chinesa concorrente da Starlink, de Elon Musk, que prevê parceria com a Telebras para o desenvolvimento de sistemas de satélites LEO (de órbita terrestre baixa), expandindo a conectividade em regiões isoladas e rurais do Brasil, com operações previstas para 2026. A iniciativa pode reduzir a dominância que a Starlink tem sobre o serviço de internet via satélite no Brasil.

## Olhar global

### MULTILATERALISMO

No Palácio da Alvorada, o presidente da China, Xi Jinping, destacou o encontro com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva para exaltar o multilateralismo. Segundo ele, é um "consenso" que China e Brasil continuem estreitando colaborações nos fóruns internacionais, como os eventos das Nações Unidas, do G20 e do Brics. O destaque foi dado no momento em que a eleição de Donald Trump nos EUA gera temores sobre o futuro do multilateralismo. A China deve sofrer com mais barreiras comerciais a partir do novo mandato do republicano norte-americano.

### UCRÂNIA E RÚSSIA

A respeito da guerra na Ucrânia, Xi comentou que "não existe solução simples para um assunto complexo". "China e Brasil emitiram os entendimentos comuns sobre resolução política para a crise na Ucrânia e criaram o grupo de amigos da paz", disse Xi em referência ao grupo anunciado em setembro, em Nova York.

### ISRAEL E PALESTINA

Sobre a crise humanitária em Gaza, o líder chinês afirmou que a situação está se deteriorando, manifestando preocupação também com a "segurança regional gravemente impactada". Ele defendeu o cessar-fogo imediato, a assistência humanitária garantida e a implementação da solução de dois Estados.

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Zero Hora - Porto Alegre/RS

**Seção:** Notícias **Página:** 7